

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO V—Número 1.556
Sexta-feira, 21 de Dezembro de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS

Um país pode ter a sua
liberdade ameaçada por
um aventureiro?

A PREMEDITADA DITADURA UM DEMOCRÁTICO SENHORIO

A liberdade do povo vai ser jogada no pano verde da política?

João Franco é do Alcaide, Beira Baixa, Cunha Leal também. O primeiro foi ditador o segundo pretende ser-lo. A ditadura de João Franco deu uma revolução gorda, uma poça de sangue e dois cadáveres dinásticos. A de Cunha Leal é ainda uma interrogação—virá?—seguida de crítica, e se vier, quantas poças de sangue, quantos cadáveres?

A estas duas interrogações deve responder em primeiro lugar o povo, preparando-se para lutar contra a ameaça claramente desenhada. Se as armas da imprensa não são suficientes arranjam-se outras. Apenas, esta pena, que nenhum dinheiro empene ha-de rolar livremente sobre o papel. Esta mesma pena apelará para a espingarda—uma espingarda nas mãos de quem ama a liberdade. A ditadura pretende atentar contra a liberdade do povo. Porque não ha-de o povo atentar contra a ditadura? A ditadura que se premedita é um crime. E a um crime não se responde com palavras. Se a resposta tiver de ser mais enérgica o povo terá com certeza, nessa hora trágica a noção do seu dever. E diante duma ditadura é um dever—a revolta.

João Franco tinha um objectivo: salvar a monarquia. Cunha Leal também tem um objectivo: salvar a sua ambição. No tempo de João Franco não havia a Moagem, nem o Sotio Mayor. Agora há muitas Moagens, há muitos Sotio Mayores. João Franco lançou-se contra os monárquicos e contra os republicanos para salvar o rei,

a monarquia. Cunha Leal não quer salvar a monarquia, nem a república—quer salvar-se. Em João Franco boa ou má havia uma ideia. Uma ambição servida pela audácia: eis o sr. Cunha Leal. A liberdade do povo é o capital que o sr. Cunha Leal lança na roleta da política. É um jogo de azar de que espera tirar um lucro certo. A política é para o sr. Cunha Leal um pano verde, como para qualquer batoteiro o «Mamim» é um pano verde. O povo deixará jogar a sua liberdade na roleta da política?

Concordemos que a ditadura em Portugal vai degenerando. O Alcaide que mandou João Franco, manda agora Cunha Leal. A diferença entre os dois, reverte, inquestionavelmente, em proveito do primeiro. Se o primeiro pôde ser tomado a sério e a trágico, o segundo é um arlequim de comédia—arlequim vem para a tragédia. Depois de João Franco, vamos ter o fantoche de João Franco. A ditadura de Cunha Leal é a caricatura da de João Franco desenhada pelas mãos argentárias dum banqueiro. Se o salvamento duma monarquia, deu uma tragédia, também um cofre forte a pode dar. A ditadura que parece aproximar-se é o cheque dum banco. A pena é uma espada, a tinta é o sangue do povo. Não seria melhor rasgar o cheque, meter a espada na bainha e deixar o sangue do povo circular-lhe nas veias?

Basta de elevar ambições sob um pedestal de cadáveres!

PORTO, 15.—A ordem do dia—e da noite—mais do que a política, a qual o povo não liga a menor atenção, são os frequentes atropelos praticados pelos senhores. É a ofensiva e a defensiva que nós previrmos.

Como estamos num momento de excepção «bulha» entre proprietários e inquilinos; como a imprensa local, embora, de longe a longe, publique qualquer reclamação, dos humildes interessados nunca o fez nas devidas condições, para não melindrar as criaturas categorizadas no meio social burguês—uma comissão de moradores dum bairro encravado junto do local onde está o cemitério do Prado do Repouso, solicitou-nos para descrever um caso interessante, que revela bem o modelo de sentimento de que está revestido um tal sr. Joaquim dos Santos Rio-Bom, considerado democrático desta terra.

Muito democraticamente, o sr. Rio-Bom, ao mesmo tempo, que possuía uma boa fábrica de cortumes, que lhe rendeu bons lucros, é proprietário duma quantidade de coelhos sobrepostos num terreno sobranceiro ao rio Douro.

Fomos ver aquela «cascata» de gaiolas, destinadas aos «grilos» humanos que tem a infelicidade de aturar senhores de bem enervante riqueza.

O referido bairro, em declive, dá-nos a impressão de que foi elegicamente sacudido por um tremor de terra... As paredes e o tecto de terra estragadas casebres estão completamente manchadas pela humidade;

que os inquilinos se sirvam dum elevador: estão com as «costelas» ao leo, faltam-lhes pedaço de reboco, estão furados... Nas épocas pluviais, quasi que é indispensável estar-se de guarda-chuva aberto dentro do tuguirio.

Quanto ao soalho, buraco aqui, buraco além, para que os quadrúpedes roedores, género ratoninas, possam entrar para a sala, vindos duma sentina ausente de sobrado e ameaçando de sastrre, não só de imunda asilixia, mas também de queda iminente.

Um dia, porém, o sr. Rio-Bom, sonhando que estava em plena democracia, julgou que os seus inquilinos estavam instalados em óptimos palácios de artísticas ogivas e que nenhum deles ganhava apenas 5000 diários, com os quais se hão-de sustentar famílias de 5 e mais pessoas.

Numa tal persuasão, e seguindo a tradição de pedir todos os meses mais 1000 pelo aluguer, exigiu uma maior percentagemzinha na renda.

Os inquilinos espantaram-lhe o sonho, e provaram que as covas onde habitam já haviam, algumas, passado para 10000. Mas, para que não sofresse uma desilusão total completa, a pontos de lhe dar qualquer síncope mortal, alguns dos inquilinos comprometeram-se, mesmo, a conceder-lhe mais do que o aumento reclamado se ele igualmente se compromettesse a transformar os antigos numas casas, pequenas sim, mas higiénicas, remendando-as, compondo-as, no que teria interesse próprio, visto que as conservava.

Era uma prova de transigente reconciliação. Em matéria, porém, de de-

moeracias, não há transigências possíveis, e, portanto, estavam rompidas as hostilidades... Não pagam mais! Nada mais fácil do que uma partida: o filho do sr. Rio-Bom vai-se a água da nascente e fecha-a, privando todo o bairro desse líquido tam indispensável à vida.

O sr. José Carlos, o tal filho do tal sr. Rio-Bom, gostou sempre de fazer pouco da miséria. E por isso mesmo, quando as crianças e as mulheres, quando as velhas, solteiras ou casadas, iam ao escritório, ou quer que é, pagar as respectivas rendas, recebia-as sempre com dicheitos, com palavras indignas duma própria viela, com gestos que fariam corar uma rameira, jactando-se até de ter abusado de três inquilinas casadas. Este procedimento reles criou-lhe má reputação.

E como quer que os inquilinos, ao terem de, publicamente, se queixar contra as exigências do pai, se referissem também às insolências do filho—o sr. Rio-Bom pensou numa «révanche», fingindo-se muito ruborizado com o caso. Pelo meio-dia, à hora que mais provocação podia originar, foi com um empregado da fábrica e, sem mais prevenções de espécie alguma, tirou uns canos que ligavam aos lavadouros do bairro e cortou, de vez, a água da nascente—para que não se tornasse a dar o facio dum inquilino qualquer abrir a água que o filho rancorosamente fechara.

O pai não gostara que o filho ficasse, público e raso, descoberto nos seus atermos indecentes. E, por isso, em vez de se reprimir sómente, também quiz cometer aquele abuso de imedir-

mento que é natural e não lhe pertence...

De resto, o sr. e democrático Rio-Bom já é herói de longa data... Um dia, porque entendesse ampliar a fábrica de cortumes, expulsou violentamente umas famílias a quem alugara uma dependência junto ao edifício da referida fábrica. Uma delas, que não tinha para onde ir, armou, ao cimo do bairro, uma tenda com os seus tristes lençóis, permanecendo naquela situação, às vezes abaixo de chuva, durante muitos dias, só o escândalo, as censuras, a revolta que causou em toda a gente que tinha conhecimento da factó, é que levou tam «conspicuo» democrático a «caridosa» e «condóla» mente, mandar erguer uma barraca noutro ponto do bairro para lá aceitar os escorrações...

O sr. Rio-Bom, como o seu gesto originou uma péssima toada, correu à imprensa a afirmar que cortara a água por não estar incluída no arrendamento. Mas como, afinal, era preciso dar uma no cravo e outra na ferradura, declarou também que o corte lóra feito para se efectuar um concerto nos lavadouros, onde caíram umas pedras... mas só na sua imaginação...

Eis o que se passa no bairro Rio-Bom, à avenida Baltazar Guedes, cujos inquilinos estão justamente indignados contra a velhacaria do senhorio, que os força a ir distante buscar o que, por assim dizer, lhes passa à porta. Porquê? Por falta de pagamento? Não. Porque é insalvável; porque, devido a isso, alguns seus caseiros depõem o seu aluguer na Caixa Geral dos Depósitos... Oh! Os senhores!

OS QUE MORREM

Um jovem que se perde

Manuel Mário Ramos, de 21 anos, morre em consequência das perseguições da burguesia

Manuel Mário Ramos ingressou aos 16 anos nas Juventudes Socialistas. A sua sensibilidade requintada e a sua alta moral ganharam-lhe depressa fortes relações de amizade entre os seus camaradas.

Começou ocupando sucessivamente vários cargos, patenteando uma grande inteligência nos trabalhos em que colaborava. Foi um dos organizadores do Núcleo Gráfico, que foi extinto pelo 1.º Congresso Juvenil, ao ser votada uma nova estrutura para a organização das Juventudes.

Sendo duma delicada complexão física, Manuel Mário Ramos não poderia realizar um esforço intensivo. Mas persistiu sempre, dando um admirável exemplo de constância e de proselitismo.

Em 23 de julho de 1921, Mário Ramos foi capturado, com mais três rapazes que consigo passeavam. A célebre P. S. E. arranjara um «complot» contra o director da policia de investigação, então ansioso de glória...

Os presos foram barbaramente agredidos. Manuel Mário Ramos, de estrutura física tão frágil, foi violentamente agredido no peito e na cabeça. Atirado para o Limoeiro, lá se restabeleceu das agressões, sem que tratamento algum lhe fosse dispensado. A sua saúde, porém, foi tam abalada, ainda mais agravada com cinco longos meses de cadeia, sem conforto e sem higiene, que nunca mais se restabeleceu. Acentuou-se a decadência física do desditoso rapaz, testemunha evidente da ancestralidade policial e da iniquidade das leis.

Pouca actividade, e mesmo esta muito interrompida, por vezes, exerceu Manuel Ramos desde então. Durante mais duma luta contra a trágica tuberculose, morreu.



Manuel Mário Ramos

marada querido; mas afirmar o raro exemplo duma mocidade que se sacrificou por admiráveis princípios de liberdade e de justiça!

A comissão administrativa da Associação de Classe dos Encarcerados e Anexos tendo tomado conhecimento de morte do camarada Manuel Mário Ramos, pautador, componente desta classe, à qual, bem como à causa revolucionária em geral prestou o melhor da sua vida na luta contra a tirania opressiva do capitalismo, que lhe acarretou a pertinaz doença que acaba de angustiar, presta homenagem à memória do desditoso companheiro de trabalho, convidando toda a classe a acompanhar o enterro daquele que em vida soube honrar a causa porque todos lutamos.

A Federação das Juventudes Sindicistas convida a mocidade operária e revolucionária a comparecer no funeral de Manuel Mário Ramos, que se realiza às 14 horas da rua do Sol ao Rato, 51 para o cemitério do Alto de São João, a fim de manifestar o seu apreço pelo sacrifício do nosso malogrado camarada.

A comissão executiva do Núcleo de Juventude Comunista de Lisboa convida todos os filiados a incorporar-se no funeral de Manuel Mário Ramos, cujas afinidades revolucionárias, com a morte dos nossos membros, constituem penhor da mais estreita solidariedade a manifestar-lhe até à campa.

Para o funeral fazem convite os seus componentes, o Núcleo de Juventude Sindicista de Lisboa, a União Anarquista Portuguesa, o Grupo Anarquista Claridade e a Comissão de auxílio àquele camarada.

escolha dos seus representantes à Conferência Operária Metalúrgica, tendo na próxima conta, para que os resultados daquela grandiosa assembleia resultem profícuos, a referida escolha recaia nos melhores elementos.

As nomeações devem ser feitas até ao próximo dia 31 de Dezembro e até esta data comunicadas à Com. São Organizadora da Conferência Operária Metalúrgica do Porto, rua de Camões, 304-2.º.

Findo este prazo a Comissão verificará pelas adesões recebidas até onde vai o grau de interesse dos operários metalúrgicos, por tam importante acontecimento, mas se fôr de resultados negativos à nossa expectativa, então, se constatar que os interessados continuam persistindo no abandono dos assuntos que lhe dizem respeito, um recurso resta aos elementos componentes desta Comissão: é desistirem e esperar que os metalúrgicos acordem quando o mal já fôr difícil de debelar.

Mais crentes que o operariado metalúrgico—revendo-se num passado honroso, em que as suas lutas foram um estímulo revolucionário para muitas outras classes; que marcou sempre uma posição de destaque nas primeiras filas do proletariado militante do Norte, mais uma vez, esquecendo-se de tão longo interregno de indolência, realçará com mais força as suas gloriosas tradições de classe que sente escaldar-lhe no peito o desejo indomito de despedaçar para

Uma escola de "amarelos" para jornalistas?

Lemos na «Lanterna», jornal republicano radical, um artigo do sr. Júlio de Vasconcelos onde se fazem afirmações graves que merecem ser devidamente esclarecidas. Afirma o sr. Júlio de Vasconcelos ter sido convidado por um jornalista seu colega a fazer parte duma escola de compositores formada por jornalistas com o objectivo de furar greves dos quadros dos jornais. Não temos, devemos confessá-lo, nenhuma informação directa ou indirecta da existência dessa escola de compositores nem mesmo ouvimos falar em semelhante ideia.

O sr. Júlio de Vasconcelos afirma que foi convidado para fazer parte dessa escola e declara ter declinado o convite. A pessoa que o convidou—o sr. Vasconcelos não declara o nome dela—foi um jornalista. Se, porventura semelhante ideia existe que tristes dias para a classe jornalística cujos salários irrisórios quasi não chegam para alimentar uma miséria bem patente por muito que se procure disfarçá-la.

O caso é bastante grave. Tam grave que esperaremos para tratá-la devidamente, informações detalhadas.

No entanto a afirmação vinda a lume na «Lanterna» e assinada pelo sr. Júlio de Vasconcelos, ainda não sofreu desmentido.

Uma escola de compositores para jornalistas destinada a furar greves! Como isso, a ser verdadeiro, não virá lançar sobre uma classe economicamente desprezada, uma mancha moral deporável!

Que diz a isto a Associação de Classe dos Trabalhadores de Imprensa?

António José de Avila

O grupo de amigos que se constituíram em comissão para acompanhar durante a sua doença, o estimável doutor, António José de Avila, falecido na enfermaria de Santo Alberto, do hospital de São José, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que o auxiliaram no desempenho da sua missão, e especialmente ao dr. sr. Pais de Vasconcelos, e mais empregados da enfermaria de São Francisco, onde o Avila permaneceu o maior período da sua doença, e onde recebeu dos mesmos funcionários todos as manifestações de carinho e de desvelos de que se mostrou bastante reconhecido.

sempre a grilheta da opressão capitalista que o manieja, dando a esta importantíssima assembleia todo o vigor que lhe necessita, preparando assim o seu organismo sindical a apresentar-se no próximo II Congresso Nacional Metalúrgico, como um valor orgânico e moral e ao mesmo tempo preparando um brilhante futuro às classes que representam, abrindo novos horizontes de esplendidas garantias de liberdade e de bem estar económico!

A esta Conferência podem assistir, com voto consultivo, todos aqueles que não sendo propriamente operários, colaboram no aperfeiçoamento e progresso da indústria metalúrgica—os engenheiros e demais técnicos—pois que a face dos nossos princípios também os julgamos como fazendo parte do proletariado, das forças produtoras, e como tais com o mesmo direito de contribuir para o engrandecimento moral e técnico das classes operárias.

A Bratava referir-se há desenvolvimentos aos trabalhos a apresentar à Conferência, que devem estar na posse da comissão até ao dia 31 do corrente,

EM BOURGES

O Congresso da C. G. T. Unitária

Semard defende a tendência comunista
Laffargue, Broutchoux, Colmer e Monier atacam-na

Semard começa o seu discurso dizendo que a maioria tem o desejo de entrar a vitória do sindicalismo sobre a reacção mundial. Semard analisa a atitude de Bismard dizendo que ele pretende a C. G. T. U. abandonar a I. S. V. para entrar na A. I. T. O que em Bourges deixam a saída da I. S. V. são os mesmos que em Saint-Etienne afirmavam que se não constituísse em Bismard outra Internacional. Essa internacional está constituída e possui uma tendência anarquista.

«Sei que existe diferença entre o sindicalismo revolucionário e o movimento anarquista internacional que ha diferença entre os sindicalistas puros e os anarquistas. Cada vez que digo um sindicalista puro na tribuna vejo o apostrofo-se numa filosofia anarquista ou num partido politico. Dado portanto que se tenha criado ou se possa vir a criar uma carta do sindicalismo puro. A carta de Amiens é interpretada por todas as tendências do movimento sindical.

Afirma que a A. I. T. não deseja unidade e lê vários trechos do seu boletim mensal em que se afirma que a I. S. V. tem de ser destruída e a revolução russa é atacada. A resolução da A. I. T. não corresponde aos desejos de unidade que a minoria tem manifestado no congresso.

Refere-se às comissões sindicais declarando tê-las combatido antes do congresso de Marselha quando certos

elementos vinham propor que elas fossem constituídas no quadro da C. G. T. Estava neste momento de acordo com certos comunistas—que hoje estão do lado da minoria e combatem as comissões sindicais. Não é no seio do sindicalismo mas no seio do partido comunista que as comissões devem funcionar, porque um partido tem o direito de constituir todas as comissões que lhe agradem. Há a autonomia do sindicalismo em face dum partido como ha autonomia do partido em face do sindicalismo. Deixaremos aos camaradas da fração anarquista o cuidado de combater as comissões sindicais. Estão na lógica das suas ideias; não são contra as comissões sindicais mas contra todos os partidos políticos. As comissões sindicais do partido comunista não são ainda comissões de estudo por fraqueza, por debilidade da estrutura do partido, porque as comissões sindicais pertencem determinar uma consciência de classe e colocar na vanguarda do movimento operário os partidários de teorias revolucionárias.

Entende que o sindicalismo se basta a si mesmo mas não se basta para tudo. Os comunistas quando entram nos sindicatos tem o direito de defender as suas ideias; a ditadura do proletariado e o governo operário durante o período de transição para assegurar a revolução. Um sindicalismo livre não impedirá aos camaradas anarquistas de intro-

duzir no sindicato as suas ideias, de serem contra a ditadura e contra o governo operário. E a assembleia dos sindicatos, questão os congressos quem determina por maioria a linha de conduta que deve ser adoptada no movimento operário. O sindicalismo está aberto a todas as tendências, a todas as ideologias. A tendência que possui a maioria incumba o cuidado de guiar o movimento sindical. Se o sindicalismo fosse uma doutrina não existiria um movimento sindical mas um partido sindical.

Cita várias resoluções dos congressos anarquistas que preconizam a intromissão no movimento operário e que afirmam que os anarquistas que nele exerçam cargos fiquem sobre a influência das uniões anarquistas, como afirma *Le Libertaire*.

Termina num apelo fervoroso à unidade. Laffargue combate os acordos permanentes com os partidos políticos que a C. G. T. U. tem realizado e manifesta-se contra o programa de acção elaborado em Frankfurt. Ataca o Bureau Confederal por ter violado as decisões de Saint-Etienne. Supozemos que a moção de Saint-Etienne nos protegia contra a infiltração da politica na C. G. T. U. Afinal ela está ameaçada de cair nas mãos duma Internacional nacionalista. Permanecemos fiéis à tradição do sindicalismo revolucionário. Se o congresso votar a moção Semard a C. G. T. U. ficará com as pernas cortadas.

O SUICIDIO DO CAPITALISTA



Broutchoux afirma que existe a subordinação ao partido comunista. Cita vários textos e afirmações de Boukharine e Zinoviev.

A moção Semard consagra as comissões sindicais. E o inimigo aprovado dentro do sindicalismo. Se o congresso votar a moção Semard esse voto será considerado como uma declaração de guerra à minoria. Esta tomará os meios de deza que se impõem para salvar o sindicalismo em perigo.

Colmer, declara ter denunciado no congresso unitário os politicos comunistas e os politicos sindicais.

Ataca as ligações circunstanciais porque os pretextos são frequentes porque os comunistas criavam o bluff da revolução russa que está morta e o bluff da revolução alemã que ainda não nasceu. Constituiriam-se comités de acção. Os anarquistas fizeram parte deves pensando que a organização devia bastar para lutar contra a guerra provocada por um governo mas não de sustentar a guerra provocada por um governo. Faz uma critica acerada ao governo russo.

Monier defende a Federação da Construção Civil contra todas as calúnias. A moção da maioria só não é clara para os cegos. Davia ser-se mais franco e dizer: A partir de 1 de Janeiro distribuir-se-ão cadernetas trazendo o partido comunista com todas as letras e C. G. T. U. e a A. R. A. C. em abreviatura. A Federação é contra a cisão tendo realizado uma vasta propaganda em todo o país para trazer as massas operárias para a C. G. T. U.

Nunca pensou que a maioria se recusasse a aceitar o sindicalismo acima de tudo.

Apela para a tendência dos C. S. R. para fazer bloco contra a moção apresentada pela maioria a fim de real ar

CRÓNICAS DE VIAGEM

ATRAVÉS DO PAÍS VIZINHO

SEVILHA, MALAGA E GRANADA, TRÊS CIDADES ENCANTADORAS

Perfil simpático do andaluz — O povo perante a vida e a guerra — A necessidade da união ibérica do proletariado

Três cidades, três capitais, são o orgulho do povo andaluz.

Sevilha, é a cidade de tradições literárias e artísticas, que viu nascer Murillo e que obrigou um dia Miguel Cervantes a escrever para acabar de escrever o seu mais célebre romance «Don Quixote de la Mancha». É a cidade dos pintores, de D. Juan del Castillo, mestre de Murillo e de Canto, uma geração de artistas que deixaram as igrejas e a catedral repletas de belos quadros.

Cervantes acha-se citado em lápides a cada passo, nos prédios antigos, nas muralhas.

São os séculos que ele fala nas suas novelas, onde ele morreu, ou habitou qualquer personagem real das suas obras.

A estrada que vem de Huelva sobre a ponte e pouco a pouco, a Lucar, a Mayor, perto de Sevilha, depois desce, rapidamente para uma planície baixa e quente, raramente fria no inverno, onde está a cidade. Sevilha é atravessada por um rio de margens encantadoras, o Guadalquivir, navegável por grandes barcos estrangeiros até ao bairro alegre, popular, de Triana.

O Guadalquivir desagua no Atlântico, pouco abaixo de S. Lucar de Barrameda, terra onde se realizam formidáveis touradas que atraem grande multidão.

Sevilha tem um parque grandioso, um alcaide que faz a admiração mundial dos turistas, conventos de frades e freiras com profusão — franciscanos, trinitários, carmelitas, jesuítas, etc. — e a Catedral, cuja torre La Giralda, de 100 metros de altura, tem em vez de escadas para subir uma rampa por onde pode subir uma carruagem.

Sevilha é actualmente a sede da Confederação Nacional do Trabalho. Em frente dela, na velha «calle» Triana há um convento de velhos franciscanos hermíticamente fechado tendo à porta, no alto, a estátua de Inácio de Loyola.

Muitas vezes, das janelas do sindicato, me diverti, olhando o convento, ao pensar no contraste entre o mundo novo que despontava e aquele passado que se ia apagando.

A organização de Sevilha possui no seu seio esclarecidos militantes e os anarquistas com o grupo Optimos e a bela revista *Páginas Libres* realista em volta de C. N. del T. uma boa obra de propaganda revolucionária.

Granada é a pérola da Sierra Nevada, o último reduto daquele rei mouro, Boabdil, que procurou lutar em vão pela sua civilização superior que a terra mestra à península, das aquelas horas de cristãos fanáticos que manejavam a mesma selvageria o montanha e a cruz. Granada com a sua Alhambra invoca os tempos árabes, com os seus palácios suntuosos, os seus pátios de arcadas e janelas árabes, os seus jardins de «alca» sombreados de árvores seculares. Hoje, Alhambra é explorada como qualquer mina de águas, a arte mercantilífera.

Para visitá-la fazem pagar sem escrúpulos bilhetes caros. Apesar de tudo Alhambra, a montanha encantada, é mais digna de ser visitada por peregrinos que Lourdes, que nunca vi, mas que pelas descrições deve ser uma admirável sensibilidade.

Granada, cidade pequena é atravessada pelo rio de Durró, e pelo Genil, que corre para Huelva, vila de tradições revolucionárias, a caminho Guadalquivir, tem a sua «Gran Via», onde a burguesia enfática, o clero e militares empregados passeiam seus ócios.

Em Granada como em Málaga há uma grande miséria aguda pela crise de habitações. Nos arredores da cidade miseráveis vivem em covas na terra e em barracas feitas de mantos sustidas sobre quatro estacas.

Junto a Granada estende-se uma planície de dimensões formidáveis — a Vega de Granada — considerada a mais rica região de toda a península.

Em Granada não se nota uma consciência muito activa na massa sindical, mas em compensação os seus militantes são inteligentes e dedicados e na sua maioria anarquistas, daqueles anarquistas que, segundo as cábulas do pretensio comunismo, tem conduzido a C. N. T. à ruína. Falando a «vol d'oiseau», da Andaluzia não vale dizer mais sobre estes adventícios caluniosos, porquanto a sua força nesta região é absolutamente nula. A terceira cidade orgulho dos andaluzes é Málaga.

Málaga não tem recordações artísticas como Granada e Sevilha. Mas é uma praça marítima, no Mediterrâneo, com montanhas ao Norte e um grande parque à beira-mar.

Como todas as terras marítimas em Málaga a miséria vegeta lado a lado com a opulência. A crise de habitações é grande, apesar de lá haver muitos e bons palácios que davam para viver muitas famílias. A vida sindical decorre serena, compassada, sem as grandes oscilações da propaganda revolucionária que é preciso fazer.

Noutros tempos houve ali o periódico anarquista «Germinal» que morreu de morte desconhecida.

Há hoje um grupo de jovens anarquistas ainda em gestação — Nova Aurora, Málaga é terra para haver uma forte

organização marítima — de marinheiros e pescadores, mas não há. Preferem continuar embalsamados nos doces miasmas do salário e mais exploração capitalista.

É praia de banhos importante e é a paixão do malaguano, muito amigo de sua terra de naves e «malaguana», o qual nas horas em que a desliza o obriga a abandoná-la, ainda canta saudosos:

Adios Málaga hermosa,
tierra donde yo nací,
para todos fueste madre
y madrastra para mí.

Percorridas estas três cidades vê-se Andaluzia de relance. Formam um triângulo no centro da mais formosa região espanhola.

Apesar de quantos preconceitos pesem sobre ele, o povo andaluz é comunista por natureza com os seus «corrijos» e uma instrução libertária que se nota conversando, sobre a sociedade, com os camponeses.

O povo andaluz quer que o deixem trabalhar, talher os campos no silêncio augusto da Natureza, e sente um mal estar, sente-se traído, quando, por exemplo, aparece a antipática guarda civil ou o oficial de impostos. Odeia-os. Ama os soldados da desgraça imensa de serem soldados, carne para canhão, a guerra é exercida com ela os homens malditos que a levantaram.

Primo de Rivera deu-lhes abaixo os governos da guerra e o povo alegrou-se a princípio com isso. Mas a guerra continuou e o povo alegrou-se há quando Rivera caiu. Até que se convenceu que todos os governos são obreiros das guerras.

Eu ia um dia em comboio para Málaga, pôdo embarque e desembarque de tropas para Marrocos. E toda a viagem foi para mim uma comédia que fazia assombrar às vezes lágrimas nos olhos.

O comboio ia cheio de soldados armados e equipados, e nas estações do percurso iam entrando mais, aos magotes, olhando ainda para trás, para as casas do «pueblo», mas procurando fazer-se «valentes» ante o mal irremediável. Uns traziam na gola duas corbais com duas tibiãs trapadas por baixo. Eram os soldados da morte, baptizados assim pelo patriotismo, porque numa guerra passada o regimento fora inteiramente dizimado pelo inimigo.

O povo chorava nas estações e dizia: Pobrezitos, vão para a morte!

Os noivos abraçavam-se e beijavam-se sem vergonha ante todos porque a última vez, mães, algumas vezes, tinham com as lágrimas, correndo as mãos amparadas aos maridos.

A guarda civil em grande número mostra as suas armas a tiracolo para manter a ordem.

Em voz baixa, há algumas frases subversivas:

— Deviam revoltar-se, isto assim não pode continuar.

Contava-se que os soldados malaguenses grande número de superiores, em Marrocos, mortos gloriosamente depois pela burguesia como heróis.

O número de desertores e refractários é tão grande que, os jornais anunciaram que o governo dava 600 pesetas a quem delatasse um.

Crêmos que a situação deprimente do povo espanhol não acabará por meio da salvação duma ditadura. Acabar quando se fizer a união do proletariado ibérico pronta a expulsar do seu trono o capitalismo ibérico.

Os dois povos tem para isso excelentes qualidades. Dependem da actualidade dos revolucionários o realizar-se essa união tam necessária.

Francisco QUINTAL

Teatro Apolo
HOJE: retumbante sucesso
A popular revista
VIDA AIRADA
A MENINA DOS BIGODES por LINA DEMOEL que cantará todos os dias a guitarra.
O RELICARIO, por Artur Rodrigues. Permanente gargalhada com Otelo de Carvalho, Artur Rodrigues e Aurélio Ribeiro.
O Casamento do Zumbao e o Xá lá bae...
Espectáculo verdadeiramente popular
SABADO: Recita dedicada a Julia de Assunção. Reparação de Elias Santos, e números novos pelo festejado por Elias Santos, Joaquim Prata, Artur Rodrigues, Hildeberto, Reginaldo e Delvado. Espectáculo de sensação.
BILHETES A VENDA

São Carlos
HOJE: reparação de
A Castela
O grandioso êxito da actualidade
Notabilíssima criação de
LUCILIA SIMÕES
Sobrerbo conjunto com António Pinheiro, Erico Braga, Amélia Pereira, Joaquim Almeida e mais artistas.
Primoroso programa pelo sexteto, dirigido por René Bohet.
Bilhetes à venda durante o dia, sem aumento nos preços:
Primas e camarotes de 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª 2.500 e de 3.ª 1.700; Torrijas: 1.200; Fautuils, 750 e Varandas, 300.

AS GREVES

Gráficos dos jornais

Não sofreu alteração o conflito suscitado entre as empresas jornalísticas do *Correio da Manhã*, *O Mundo* e *A Pátria*, e seus respectivos quadros as quais se negaram a atender a reclamação formulada de aumento de salário.

A Federação do Livro e do Jornal enviou para o Porto o seguinte telegrama que foi suscitado por ordem superior:

«Liga das Artes Gráficas — Rua Entrepedras, 33 — Gráficos jornais greve evitem saída linotipistas, caixistas. Se que ofício — Federação Livro Jornal — Rua António Maria Cardoso, 20, 1.ª — Lisboa».

Está aberta a inscrição dos grevistas na sede do sindicato hoje e amanhã das 17 às 18 horas.

Polidores do empreiteiro Alvaro (Casa Manuel Lopes & Sacadura, Ld.)

Após diversas «demarches» realizadas pela comissão de melhoramentos do Sindicato U. Mobiliária, soluçou-se a greve dos operários da referida casa, aceitando a plataforma apresentada pelo dito empreiteiro que consiste em aumentar um escudo nos salários actuais, comprometendo-se a satisfazer as reclamações feitas que consiste em mais um escudo de aumento a fim de uniformizar os salários da classe nos princípios do ano.

O pessoal grevista, aceitando essa plataforma, retoma hoje o trabalho com a condição de ficar salvaguardada a sua estabilidade de trabalho e com a condição de não serem exercidas represálias sobre qualquer operário.

NO PORTO

Trabalhadores fluviais e marítimos

PORTO, 18. — A greve dos trabalhadores fluviais, barqueiros e frageiros e marítimos de Leixões, que se tem vindo arrastando pacificamente, está-se tornando agitada. Aos grevistas, que sempre se esforçaram por manter uma atitude ordeira e indiferente à decantada liberdade de trabalho preconizada pela patronal, vai-lhes faltando a paciência que tem adoptado em excesso.

Vão reconhecendo, pela dura lição dos factos, que a inação é prejudicial a todos os movimentos de reivindicação; vão reconhecendo, já que não basta a simples cruzada de braços, mas que a energia se impõe, a fim de evitar que as delegações não atinjam aquele grau de heroísmo que faz assobrar as causas mais justas. Ao mesmo tempo também, já não de estar um pouco capacitados que não há nenhuma classe que se baste a si própria, mas, pelo contrário, que precisa da solidariedade das outras, às quais deve, nos momentos propícios, prestar-lhe igualmente.

A intransigência dos armadores e agentes de navegação, por um lado, e a quantidade de amarelos, pelo outro, tem causado a irritação dos grevistas, que se vão pronunciando pela acção directa. Devido a esta exaltação dos ânimos, tem-se esboçado alguns conflitos, sendo alguns criminosos regularmente invectivados. Esta acção devia ter sido logo posta em prática de princípio, segundo a opinião de alguns grevistas. Foram demasiado indolentes...

No sábado falou-se em que todas as classes do rio e marítimas paralisariam o trabalho na segunda-feira passada, como solidariedade indispensável às que estão em luta.

Contra o que se esperava, nada se deu. Como, porém, a solução do conflito foi novamente entregue à Federação Marítima, cujo comité no norte já iniciou as suas demarches, false-se outra vez em que a greve geral fluvial e marítima será um facto, se os patrões armadores e agentes não se colocarem num terreno de reconciliação honrosa. Mais se avoluma o boato com a notícia de que amanhã vão reunir os marítimos da Foz do Douro e os Artistas da Construção Naval.

Bom seria que tudo se harmonizasse; mas se assim não acontecer, se a patronal continuar reitante e disposta a humilhar as classes em luta, então é justo que o movimento tome outro aspecto com todo o apoio de todos os que trabalham no rio e no mar, não se esquecendo depois de que é indispensável a federalização e confederalização de todas as classes operárias...

Depósito da Covilhã

porque vende directamente das fábricas ao consumidor esplendidas fazendas de lã para fatos e vestidos.
Lã em fio para malhas.

Tem alfaiate

Rossio, 93, 2.º andar

Telefone 4670 N. (Ascensor).
FILIAL: Rua do Ouro, 206, 1.ª andar, entrada Loja da Amica.

VIDA POLITICA

Federação Comunal — Reuniu ontem o Conselho Federal com a presença de 14 comissões administrativas. Resolveu oficial para a Comissão que justifique a sua falta; procurar alojamento para a sede própria das Comissões Administrativas das Comunas dentro das respectivas áreas; nomear os cobradores para o novo sistema de cobrança para o próximo ano; intensificar a propaganda comunista; desenvolver o maior número de filiados; promover uma sessão de propaganda em Janeiro próximo comemorativa do assassinio de Roza Luxemburgo e Karl Liebknecht, e para prosseguimento dos trabalhos pendentes devem comparecer as C. A. em 27 p. f., quinta-feira, à mesma hora.

Festa de solidariedade

A comissão promotora da festa de solidariedade que se realiza no domingo na sede do S. U. Metalúrgico, rua da Esperança, 204, 2.º convida todos os operários que levaram bilhetes para passar a comparecerem hoje pelas 20 horas no sindicato a fim de se trocarem impressões sobre o seu resultado, o que é indissolúvel.

Coliseu dos Recreios
HOJE — às 21 horas (9 da noite) — HOJE
Festa artística e despedida
dos engraçados e aplaudidíssimos clowns
IRMÃOS ALBANO
O CÉLEBRE E SENSACIONAL NÚMERO
O BOLIDE HUMANO
TODAS AS NOVIDADES — TODAS AS ATRACÇÕES

COEN-TEATRO HOJE às 21.15 espectáculo Inteiro HOJE
ULTIMOS espectáculos ULTIMOS
A zarzuela em 3 actos, de grande êxito nos teatros de Madrid
Peça genuinamente espanhola, com traços característicos.
EL GATO MONTÉZ
Um dos maiores êxitos de Espanha
GRANDE APARATO SCÉNICO!
UMA PRAÇA DE TOUROS
2 CAVALOS EM SCENA 2
«El Gato Montez» é a zarzuela mais aparatoso do repertório desta Companhia — AMANHÃ: Festa da primeira triple Selica Peres Carpio

CONFERÊNCIAS

Escola Industrial de Fonseca Benevides

Realiza-se hoje nesta Escola, pelas 21 horas e 30 minutos, uma conferência promovida pela Liga de Instrução e Educação do mesmo estabelecimento de ensino.

O conferente é o ilustre professor esportista, sr. Saldanha Carreira, que dissertará sobre a «origem, razão de ser e utilidade do esperanto».

Aquela associação escolar espera a assistência de todos os alunos das escolas congêneres, tanto mais que essa conferência servirá de propaganda daquela língua, o que constitui um dos votos do 1.º Congresso dos alunos das Escolas Técnicas, Industriais e Comerciais realizado em Junho último.

INCENDIOS

Pelas 18 horas declarou-se incêndio com violência num barracão (casa da guarda) situado num grupo de barracões no mercado 24 de Julho.

O recheio compunha-se de caixotes com frutas, cestos, palha e utensílios do mercado, propagando-se o fogo rapidamente aos barracões contíguos pertencentes à Associação dos Agricultores com coqueira e estalagem de que era encarregado Francisco Lopes Evara, onde se encontravam 6 carroças e 8 cabegas de gado que foram salvos.

Cesteiro, Leopoldina Gouveia; armazém de vergas, idem; duas barracas de vinhos, António Bernardino Gomes; carne, Viúva de João Silva Franco; carne, Porfírio José do Rego, Lda; sal, João do Sal; mindezas de vaca, Cândido José de Sousa; mindezas de porco, Margarida Carmo Saraiiva; cabezas, Domingos Alves Tomás, um lugar de azeitonas, Ermelinda Pereira; talho, José Manuel Casa Nova; comunicando-se o fogo ainda ao extenso barracão do mercado 24 de Julho. O fogo meia hora depois estava dominado sendo empregadas no ataque 9 singuletas.

Os postes do tráfego da rede geral ainda começaram a arder. O trânsito dos eléctricos foi feito pela rua da Boa Vista e São Paulo.

O clarão avisava-se de diferentes pontos da cidade. A origem do fogo é desconhecida. Os locatários das barracas, na maioria ainda tinham no seguro. Às 20 horas começou o rescaldo que se prolongou até de madrugada.

QUEM QUER

Depósito da Covilhã

porque vende directamente das fábricas ao consumidor esplendidas fazendas de lã para fatos e vestidos.
Lã em fio para malhas.

Tem alfaiate

Rossio, 93, 2.º andar

Telefone 4670 N. (Ascensor).
FILIAL: Rua do Ouro, 206, 1.ª andar, entrada Loja da Amica.

VIDA POLITICA

Federação Comunal — Reuniu ontem o Conselho Federal com a presença de 14 comissões administrativas. Resolveu oficial para a Comissão que justifique a sua falta; procurar alojamento para a sede própria das Comissões Administrativas das Comunas dentro das respectivas áreas; nomear os cobradores para o novo sistema de cobrança para o próximo ano; intensificar a propaganda comunista; desenvolver o maior número de filiados; promover uma sessão de propaganda em Janeiro próximo comemorativa do assassinio de Roza Luxemburgo e Karl Liebknecht, e para prosseguimento dos trabalhos pendentes devem comparecer as C. A. em 27 p. f., quinta-feira, à mesma hora.

Festa de solidariedade

A comissão promotora da festa de solidariedade que se realiza no domingo na sede do S. U. Metalúrgico, rua da Esperança, 204, 2.º convida todos os operários que levaram bilhetes para passar a comparecerem hoje pelas 20 horas no sindicato a fim de se trocarem impressões sobre o seu resultado, o que é indissolúvel.

Vida Sindical

C. G. T. Conselho Confederal

Reune hoje, pelas 20 horas, o Conselho Confederal com a seguinte ordem de trabalhos:

Nomeação do administrador de «A Batalha»; Nomeação dos delegados para o Conselho Jurídico, e outros assuntos.

É necessária a comparência de todos os delegados efectivos e adjuntos, em virtude dos assuntos a tratar.

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.

Reuniu ontem o Conselho Federal com a presença dos delegados dos seguintes organismos: Compositores e Impressores Tipográficos, Litógrafos e Anxos, Conselho Inter-Sindical do Porto e Fabricantes de Papel de Fomar, Presidência Alexandre Vieira, secretário da Raiz de Sousa.

Pelo secretário geral foram lidos ofícios da Federação Italiana do Livro, informando que a Fonderie de tipo Nebiolo, procurava operários fundidores no estrangeiro a fim de deprimir as reclamações e salários dos operários; do Conselho Inter-Federal do Porto informando dos trabalhos tendentes a evitar a deslocação de gráficos para Lisboa; da U. S. O., do Porto, solicitando auxílio a fim de poder satisfazer os compromissos tomados com a greve dos mineiros de São Pedro da Cova, sendo reolvidado contribuir com 100\$00; do jornal «O Trabalhador do Comércio», de Coimbra pedindo tipógrafos para aquela localidade, onde se faz sentir a sua falta devido à abundância de trabalho; da U. S. O. de Lisboa, pedindo dois delegados para o dia 28 p. p. onde será presente o balanço da comissão Pró-Casa dos Trabalhadores, ficando nomeados Alexandre Vieira e Carlos José de Sousa; do S. U. C. Civil pedindo delegado à sessão solene a José Manuel, foi nomeado Raúl de Sousa.

Foi apreciada a marcha do conflito entre as empresas jornalísticas e respectivos quadros gráficos.

Por último foi resolvido que as futuras reuniões do Conselho Central sejam marcadas para as 18 horas.

Federação Metalúrgica. — Com a presença dos delegados dos Sindicatos do Porto, Covilhã, Évora, Vila Real de Santo António, Portimão, Olhão, Peniche, Aljustrel e Beja, reuniu ontem o Conselho Federal, que apreciou, ofícios dos Sindicatos do Porto, Lisboa, Peniche, Olhão e Portimão, que foram tomados em consideração. Sobre um ofício de Lisboa resolveu-se que baixasse à comissão organizadora do Congresso, e nomeando-se Francisco Viana, para assistir à sessão de homenagem a José Manuel que o S. C. Civil promove no próximo domingo.

Por não estar presente o camarada Joaquim da Silva, ficou para hoje com a comparência do mesmo, a apreciação de documentos vindos do Comité do Norte.

Federação Mobiliária. — Conselho Federal. — Reuniu ontem este conselho que apreciou entre vários expedientes o seguinte: do S. U. Mobiliário de Braga comunicando a eleição dos corpos gerentes e saudando a C. G. T. e a *Batalha*; dos Sindicatos de Coimbra, Faro e Porto, aos quais foi dado o devido destino.

Sobre o caso do mobiliário Domingos Ferreira, de Braga, resolvendo-se tratar dele junto do conselho jurídico; sobre o expediente confederal para o futuro ano, foi resolvido publicar uma nota oficiosa aos sindicatos. Aprecioso em seguida o relatório do delegado que foi a Faro; sobre a parte referente às acusações feitas a João Humberto Matias, foi rejeitado o relatório nas conclusões e resolveu publicar uma nota oficiosa sobre o assunto. Parte do relatório sobre a greve de Faro ficou para a próxima sessão.

Operários do Município. — A direcção lembra ao sindicatos, que conseguiram o aumento de salário reclamado, a resolução tomada pela classe, segundo a qual devem concorrer com um escudo para o cofre do sindicato. A direcção faz sentir a todos os operários que devem sindicarse, pois só assim poderão formar uma forte barreira contra o capitalismo.

CONVOCAÇÕES

Federação da C. Civil. — Conselho Federal.

São convocados os delegados desta Comissão, a reunir-se hoje, às 20 horas.

Mecânicos de açúcar. — Reuniu hoje a assembleia geral, pelas 17 horas, para eleição dos corpos gerentes para 1924, discussão dos estatutos para a caixa de auxílio e outros assuntos de interesse para a classe.

Cocheiros de Lisboa. — A fim de eleger os seus corpos gerentes para o próximo ano, reuniu hoje a assembleia geral, pelas 21 horas.

S. U. Mobiliário. — Reuniu hoje, pelas 20 horas, nesta sede, uma sessão em que Santos Arranha expôs os motivos que o levaram a sair do comité confederal.

O secretário convidou todos os mobiliários a assistirem a esta sessão.

Condutores de carroças. — Volta a reunir hoje, às 21 horas, a comissão administrativa para assuntos de alta importância, devendo comparecer todos os componentes.

Chauffeurs marítimos. — Reuniu hoje a assembleia geral, pelas 20 horas, com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.º Tomar conhecimento das resoluções da Federação Marítima sobre a greve do Norte; 2.º Eleição de corpos gerentes para 1924; 3.º Assuntos urgentes e de máxima importância para a classe.

S. U. da C. Civil. — Canteiros e Polidores de Mármore. — Convida-se a Comissão Administrativa a reunir hoje, às 20 horas, para um assunto urgente.

Sessão Profissional dos Carpinteiros. — A Comissão Administrativa lembra por este meio aos cobradores para não faltarem hoje na sede, às 20 horas, para serem portadores dos avisos de convocação da assembleia geral que se realiza no dia 27.

Compositores Tipográficos. — Para discussão dos trabalhos pendentes, reuniu hoje a assembleia geral, pelas 17.30 horas.

Marinheiros e moços da marinha mercante. — Em virtude de não terem comparecido alguns dos seus membros, ficam avisados todos os camaradas que fazem parte da direcção para reunirem hoje, pelas 19 horas, a fim de serem tratados assuntos incógnitos.

PRO-PRESOS POR QUESTÕES SOCIAIS

Comissão Central

Para tratar do auxílio a prestar aos camaradas presos, reuniu hoje, pelas 20 horas, esta comissão.

GRANDES ABATIMENTOS

30 % mais barato, consegue toda a gente comprar calçado para homens, senhoras e crianças na Sapataria Pavilhão Americano R. Marquês do Alegrete, 77

Federação Mobiliária

Aos sindicatos aderentes

NOTA OFICIOSA

Na sua reunião de ontem o conselho federal apreciou as quantias a fixar quanto ao expediente confederal para o futuro ano. Ponderada a difícil situação financeira desta Federação, e a necessidade urgente de lhe facultar meios de a habilitar a desempenhar-se tanto quanto possível da sua missão, foi o conselho de parecer que para o futuro ano sejam estabelecidos em princípio, os seguintes preços: selos-cotas, cada 2\$0, isto é, o mesmo preço; verbetes, 302 ou seja um aumento de \$01 por verbete; cadernetas, \$43, (o custo para a Federação é de \$35). Esta resolução fica pendente da aprovação dos sindicatos, os quais se devem manifestar até ao próximo dia 25, inclusive. Findo este prazo, consideram-se os sindicatos que não responderem, de acordo com o estabelecido.

Lisboa, 20 de Dezembro de 1923. — Comissão administrativa.

Homenagem a José Manuel

A comissão da Secção Profissional dos Serventes encarregada da sessão de homenagem a José Manuel e inauguração do seu retrato, convida todos os serventes sindicados a comparecerem hoje, na sede da Secção, pelas 21 horas, a fim de levarem convites para serem distribuídos pelo operariado em geral para assistirem a essa sessão.

SECÇÃO TELEGRAFICA

C. G. T.

Manuel C. Ferrão — Vendas Novas. — Convites estão feitos e seguem hoje pelo correio.

Carregadores e descarregadores do Porto de Leixões. — Em *A Batalha* não há nada de que consta o vosso ofício. Breve segue ofício e o expediente pedido.

Chapeleiros de Braga. — Segue expediente e ofício.

Têxteis da Covilhã. — Segue expediente e ofício.

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato de Penafiel. — O ofício a que fazes referência não foi entregue, informem logo o assunto.

METALÚRGICA

Sindicato do Porto. — Entregamos ao C. J. a vossa pretensão.

Peniche. — Recebemos cotas da Associação.

Comité do Norte. — Enviamos expediente.

Pega interessantíssima de empolgante entrecho é a que está em scena no

Teatro Nacional
A VERTIGEM

Juntas de Freguesia

Reúnem hoje, pelas 21 horas, na Câmara Municipal, as Juntas de Freguesia de Lisboa, para continuação dos trabalhos que ficaram suspensos na última reunião.

um sindicalismo capaz de trabalhar pelo melhoramento das condições de trabalho e para se apoderar dos meios de produção e troca em proveito da colectividade.

O sindicalismo está aberto a todas as forças da produção e deve receber no seu seio todos os trabalhadores do cérebro e do músculo. A questão social trouxe as primeiras divisões: A. I. S. V., constituiu-se para servir o governo russo e desaparecerá quando a este já não seja necessária.

A sessão foi encerrada às 19.30 horas.

VIRGÍLIO ARRAIANO
COVILHÃ
— Vende directamente ao consumidor —
FAZENDAS PARA FATOS DE HOMEM OU SENHORA
— PEÇAM AMOSTRAS —

